



## **OS HÁBITOS FAMILIARES E A TRANSMISSÃO DOS VALORES**

((Esther García Schmah, Pedagoga, [www.solohijos.com](http://www.solohijos.com), [www.mujernueva.org](http://www.mujernueva.org))

Justiça, igualdade, tolerância... São palavras que a cada dia são mais escutadas nas escolas. A “Educação nos Valores” já está presente no currículo escolar, mas isso não é suficiente. Ficar no nível teórico não serve de nada. E, na prática, esquecemos frequentemente que palavras tão grandiosas como “Empatia” ou “Respeito” se traduzem em premissas tão singelas como “não atirar papéis no chão”, “ceder o assento a quem mais o necessite” ou “abrir a porta a quem vai carregado”.

Que a “Educação nos Valores” tenha chegado às escolas é um passo que realmente devemos celebrar: saber ser pessoa é mais importante do que saber resolver integrais ou saber em que ano começou a Revolução Francesa. Entretanto, enquanto a instrução e a formação intelectual são objetivos a serem conseguidos primordialmente através da escola, a educação e o desenvolvimento pessoal o é através da família.

Nunca devemos esquecer que o lar é o autêntico formador de pessoas. As crianças aprendem continuamente através dos seus pais, não só o que eles lhes contam, mas também, sobretudo, pelo que veem neles, como atuam, como respondem perante os problemas. Em definitivo, as crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. A autêntica educação nos valores transmite-se, passa dos pais para os seus filhos desde o dia do nascimento até ao final da vida. Não obstante, tem uma importância relevante durante os primeiros anos. Até os seis ou sete anos de idade as crianças possuem uma moral denominada “heterônima”, ou seja, a sua motivação para fazer as coisas de uma maneira ou de outra é corresponder ao que o papai e a mamãe desejarão: o que dizem os pais são “verdades absolutas”. Conforme crescem, vão compreendendo melhor por que é importante atuar de certa forma e não de outras, mas seguem, sempre, guiando-se pelo que veem em casa, especialmente até os doze anos. Daí a tremenda importância de educar as crianças através do exemplo, para desenvolver uma educação cívica.

### **Faça o que eu faço**

Todos temos na mente uma ideia de como gostaríamos que fosse a sociedade, em que mundo queremos que vivam os nossos filhos: um sítio limpo, em que as pessoas se ajudem e respeitem, onde todos tenhamos os mesmos direitos... Depois saímos à rua pensando no trabalho, nas compras, na ortodontia da criança e nos esquecemos de todos esses bons propósitos. De repente, queremos ser os primeiros a sair do metrô, nos incomoda o carro que torna lenta a circulação, nos esquecemos de dar o bom dia ao

porteiro... e assim dia após dia, diante o olhar sempre atento das crianças, que, já se sabe, absorvem tudo como esponjas.

Já comentamos que, até os doze anos aproximadamente, o lar é a principal fonte de valores, direitos e deveres da criança. Agora também terá que se dizer que há coisas que dificilmente se aprendem mais tarde. Se quando pequenos não nos acostumamos a guardar o papel no bolso quando não há um cesto de papéis à mão, a não pôr a música muito alta para não incomodar o vizinho, a dizer obrigado quando nos fazem um favor ou a não insultar os que são diferentes, será mais complicado aprendê-lo mais tarde. Porque o civismo, o respeito, a honestidade e todos os valores humanos são em grande medida hábitos, rotinas que aprendemos em família, de forma inconsciente, e que mais adiante chegamos a valorizar com a reflexão que permite a maturidade.

Por isso, a melhor forma de transmitir valores e de aprender a viver em sociedade é não aplicar jamais a tão popular frase de “faça o que eu digo e não o que eu faço”. Se quisermos que as crianças alcancem essa sociedade tão sonhada devemos começar por criá-la nós mesmos e “fazer o que dizemos”.

## Que “hábitos-valores” fomentar?

Decerto que vocês mesmos têm a resposta. Só têm que pensar em que tipo de pessoas gostariam que fossem os seus filhos e atuar em consequência. Como vimos, a coerência entre as ideias que querem transmitir e a forma como se atua em casa é a chave principal.

A maioria das pessoas considera como nobres os mesmos tipos de valores. Entretanto, às vezes é difícil reconhecer em nós mesmo onde encaixa a conexão entre “crenças” e “forma de ser”. Estes conselhos podem ajudar a refletir sobre isso:

- Se quiserem que o seu filho seja uma pessoa consciente, raciocinem com ele desde o primeiro dia. Não utilizem o “porque eu digo”. Logicamente haverá muitas ocasiões em que tenham que lhe ordenar as coisas, mas sempre podem argumentar o motivo;

- O respeito primeiro é observado entre os pais. As decisões do casal devem ser sempre compartilhadas. Se discutirem, façam-no de forma tranquila, sem recriminar. Saber viver em sociedade é saber aceitar as opiniões distintas;

- Ao se preocuparem com as influências externas, pensem que possuem algo muito importante ao seu alcance: os seus comentários. Falem com o seu filho sobre a opinião que merece as atuações dos outros (tanto no positivo como no negativo). Isso é importante, sobretudo, contra a influência da televisão.

## Compreender ajuda a aprender

Os valores transmitem-se através do exemplo, mas assentam com força graças à compreensão de que são necessários. Como podemos ajudar uma criança pequena a perceber essa importância? Uma boa maneira é aplicar a fórmula de: “faça pelos outros o que você gostaria que fizessem por você”. Em outras palavras, coloque as crianças na hipótese de serem elas as protagonistas de certas atitudes.

(Texto selecionado pela equipe pedagógica do Colégio Brazilian International Integration School)